



# A figura do narrador e o apagamento das relações sociais e de exploração contidas nos contos “Mãe maria” e “Uma vida...”, de Olavo Bilac

Áreas: Ciências Humanas, Letras e Artes

Paulo Henrique Martins<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico em Letras-Português da UEM, contato: [ra127962@uem.br](mailto:ra127962@uem.br)

**Resumo.** A presente pesquisa, desenvolvida por meio do PIC-UEM, pretende analisar e descrever como, a partir de recursos de focalização e estratégias narrativas adotadas pelo narrador, nos contos “Mãe Maria” e “Uma vida...”, este procede um apagamento da violência por parte do senhor e da exploração econômica do trabalho do escravizado, elementos centrais na caracterização das relações interpessoais no modelo de sociedade escravocrata em que as histórias das personagens protagonistas das duas narrativas se desenvolveram. Para tanto, utilizaremos como base teórica os conceitos e reflexões elaborados na obra *Narratologia - Introdução à teoria da narrativa*, de Mieke Bal (2021).

**Palavras-chave:** Narrador – focalização – Olavo Bilac

## 1. Apresentação da pesquisa

A presente pesquisa, promovida por meio do PIC-UEM, orientada pelo professor Dr. Gerson Pomari, do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá (DTL - UEM), visa entender o ato de contar história como sendo um ato não isento de intervenções e estratégias narrativas do narrador, as quais foram pesquisadas a partir das teorias da narratologia, desenvolvidas por Mieke Bal (2021).

O ato de narrar um acontecimento ou transferir um conhecimento a outra pessoa é uma prática utilizada há muito tempo na história da humanidade, como o fazem os pais aos seus filhos, os professores aos seus alunos, os amigos em uma conversa informal etc. O ato de contar uma história e passar o conhecimento adiante é, portanto, um ato de apreensão de cultura, ato envolvido diretamente no exercício pleno da linguagem e na significação e ressignificação da mensagem.

A maior parte das pessoas consegue entender que toda a história ou toda a narrativa possui alguns elementos primordiais, sem os quais não é possível que ela exista. Tais elementos são o enredo, personagens, tempo, espaço, narrador. Em outras palavras, todos esses elementos, de certa forma, responderiam a algumas questões, tais como: O que ocorreu? Quem viveu esse acontecimento? De qual forma aconteceu? Onde? e por qual motivo?

O ato de narrar acompanha o ser humano desde a época ágrafa, ou seja, desde a época em que não havia o domínio da escrita quando, por exemplo, foram encontradas nas cavernas gravuras de imagens representativas de uma história, de rituais, os quais foram escolhidos pelos povos pré-históricos dada a sua importância e relevância à época. Após o domínio da escrita, outros textos importantes foram cunhados com complexidade e sofisticação literária, tais como o Alcorão e a Bíblia, mas a essência



continua a mesma: criar uma narrativa com base na versão contada de uma história relevante sob o aspecto do narrador.

Se a história moderna é representada pelo acúmulo de informação, ou da desinformação, ter a plena consciência de qual narrativa (ou quais narrativas) envolve(m) determinado discurso é de suma importância para compreender a importância que tem esse sujeito narrador, seu comportamento e suas vontades e como isso influenciará na sua “verdade” contada para aqueles que “ouvem” sua história (receptor da mensagem).

As sutilezas presentes no discurso contado pelo sujeito narrador podem ser exemplificadas pela carga emotiva empregada por este, o jogo de palavras utilizado e escolhido a depender do contexto de fala, ou seja, são recursos dos quais o narrador se apropria para consolidar uma posição ou convencer o receptor de que sua visão de mundo é a “mais acertada” e que a visão oposta encontra-se “errada”, portanto, deveria ser rejeitada.

Em sua obra *Narratologia - Introdução à teoria da narrativa*, Mieke Bal (2021) estabelece como base de sua teoria a observação em separado dos signos do texto, da história e da fábula, as quais ela considera como sendo as diferentes partes constituintes da estrutura da narrativa. Bal afirma que, enquanto área de estudo, “[...] a narratologia é o conjunto de teorias narrativas, textos narrativos, imagens, espetáculos, eventos; artefatos culturais que ‘contam uma história’. Tal teoria ajuda a compreender, a analisar e a avaliar as narrativas” (Bal, 2021, p. 25).

A mesma autora também diz que “[...] Nem tudo é narrativa, mas quase tudo na cultura tem um aspecto narrativo ou, ao menos, pode ser percebido ou interpretado como narrativa” (Bal, 2021, p. 09), o que demonstra a presença onipotente dessa ferramenta cultural no dia a dia, inclusive sem a percepção consciente do sujeito receptor da história sobre as nuances que orbitam sobre o ato de narrar.

Dentre os conceitos desenvolvidos por Bal em sua obra, é de interesse maior desta pesquisa as reflexões que ela desenvolve acerca da instância narradora na estrutura do texto narrativo. Mieke Bal faz uma distinção entre o narrador e o focalizador, de modo que esses termos são utilizados para descrever diferentes elementos envolvidos na narração de uma história.

Assim, o narrador é a entidade narrativa responsável por contar a história (Bal, 2021, p. 38). Ele é quem apresenta os eventos, descreve os personagens, narra as ações e influencia a maneira como a história é contada ao leitor ou ouvinte. O narrador pode ser uma personagem da história (narrador personagem) ou pode se situar fora dela (narrador externo). O narrador determina todos os processos, todos os procedimentos, a sequencialidade e a frequência das ações e eventos da narrativa.

Por sua vez, a focalização (a ação narrativa desempenhada pelo focalizador), se refere à posição a partir da qual o leitor é orientado a visualizar a história (Bal, 2021, p. 205). Ainda segundo Bal, o focalizador é o ponto de vista por meio do qual as ações e os fatos narrados são percebidos na estrutura narrativa. Em suma, a focalização é, então, a perspectiva que dirige a atenção de quem lê e determina o objeto sobre o qual a narração recai.

E este é exatamente o ponto central da pesquisa desenvolvida. Nas duas narrativas de Olavo Bilac em questão, a focalização é um elemento de grande



importância para a compreensão geral daquelas e para a construção dos efeitos estéticos que o leitor pode vivenciar a partir de suas leituras. As estratégias narrativas escolhidas pelo narrador jogam luzes sobre determinadas informações, que este quer ver sendo destacadas em meio aos acontecimentos narrados e, ao mesmo tempo, obscurece ou dificulta a percepção de outros elementos ou relações presentes no enredo, chegando mesmo, em alguns casos, a realizar o apagamento de algumas delas. Em meio a esse jogo de mostrar e esconder, o leitor fica a mercê da confiabilidade no narrador, para assimilar como verdadeiras e verossímeis os eventos narrados, mesmo quando se trata de um texto de ficção, como é a obra literária.

Assim, nos contos “Mãe Maria” e “Uma vida...”, do poeta Olavo Bilac, publicados na obra infantil Contos Pátrios (Bilac; Netto, 1931), analisou-se o ponto de vista do narrador e suas estratégias narrativas. Assim, compreendendo a visão destes agentes do discurso, entendendo também a sua linha discursiva e quais os recursos por eles utilizados em cada uma das narrativas para defender seus argumentos, bem como comparando sua posição com os valores universalmente aceitos, tudo para verificar se “a sua verdade” corresponde aos fatos concretos, reais e historicamente registrados.

A pesquisa visou também descrever a sobreposição existente entre os valores éticos e morais do entorno social, político e econômico e a visão de mundo do narrador, que pode vir distorcida a depender de seus interesses.

## **2. Justificativas e metodologia empregada**

O contexto da vida e da obra do autor Olavo Bilac, que é o maior expoente da escola literária do parnasianismo brasileiro, está marcado por suas obras com forte cunho patriótico, emotivo ou filosófico, as quais são, em regra, o centro de gravidade das pesquisas relacionadas a esse autor. Mas pouco se estuda ou se pesquisa sobre suas produções de cunho paradidático e voltada para o público mais jovem, como os dois objetos de análise nessa pesquisa.

A presente pesquisa se justificou, portanto, por representar uma tentativa de proporcionar por uma perspectiva nova e original uma visão sobre essa parcela da produção de um autor bastante conhecido e consagrado como Olavo Bilac.

Quanto à metodologia empregada foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de focalização e da forma de narrar, tendo como base teórica os estudos de Narratologia de Mieke Bal (2021).

Na sequência, foi realizada a leitura detalhada dos contos “Mãe Maria” e “Uma vida...”, com atenção especial para os elementos de focalização e para as estratégias narrativas desenvolvidas pelo narrador de cada uma das obras. Assim, foram observados o uso de perspectivas narrativas, os recursos estilísticos empregados pela entidade narradora, as escolhas de focalização e outros elementos relevantes para a abordagem aqui pretendida.

## **3. Resultados alcançados com a pesquisa**

Os resultados obtidos foram discutidos e interpretados à luz das teorias estudadas, buscando compreender como a focalização e a forma de narrar nos contos “Mãe Maria” e “Uma vida...” contribuem para a construção da narrativa e a delimitação da perspectiva sobre os fatos relatados que os respectivos narradores oferecem aos leitores das obras, o que ocasiona o mencionado apagamento da violência por parte do





senhor e da exploração econômica do trabalho do escravizado nas páginas das criações aqui analisadas.

Tanto em “Mãe Maria” como em “Uma vida”, Olavo Bilac, por meio da voz narrativa, tenta transferir a terceiros a responsabilidade das mazelas ocasionadas aos escravizados durante o período de cativo, seja ao tentar inculcar uma imagem maternal (ou relação mãe-filho) em “Mãe Maria”, com a utilização de figuras de linguagem (voz passiva) ou apagamento de detalhes de sofrimento do negro, por meio da focalização da narrativa em outros pontos, como, por exemplo, na construção de uma imagem de bondade do narrador e de passividade da escravizada quem aceita com bom grado seu destino. No sobredito conto, o narrador chega ao ponto de tentar se imiscuir da culpa de ter vendido a casa e os escravizados, quando se coloca na posição de “ignorância” por não saber onde a velha teria ido ou sido enterrada.

Em “Uma vida”, o narrador também se utiliza da construção (focalização) da ideia de que o escravizado “pai João” não sofrera mais do que qualquer outra pessoa e que, no seu fim da vida, estava “amparado” por um casebre incrustado no meio de árvores, por meio da “bondade” dos seus antigos senhores, quem os considerava como “amigos”. Em todo momento, o narrador tenta apagar o triste fim da vida do pai João, inválido, sem dentes, sem meios para sobreviver (vivia de doação de comida dos filhos dos colonos) e que, mesmo assim, ainda “abençoava” aquela terra que ajudou a construir, usando, inclusive, o apelo ao elemento religioso para inculcar a ideia de falsa felicidade de pai João.

Em síntese, nos contos analisados, foi possível perceber a tentativa de apagamento das relações econômicas e sociais existentes entre senhor de escravos opressor e escravizados oprimidos, presentes na dinâmica de interação das personagens que figuram na história das duas narrativas, mas somente possível a partir das estratégias e escolhas narrativas procedidas pelo agente narrador nas duas obras.

A presente pesquisa, portanto, analisou e descreveu como, a partir de recursos de focalização e estratégias narrativas adotadas pelos respectivos narradores, nos contos mencionados, eles procedem um apagamento da violência por parte do senhor e da exploração econômica do trabalho do escravizado, elementos centrais na caracterização das relações interpessoais no modelo de sociedade escravocrata em que as histórias das personagens protagonistas das duas narrativas se desenvolveram.

#### 4. Referências

BAL, Mieke. **Narratologia**: introdução à teoria da narrativa Trad. de Elizamari Rodrigues Becker et al.). Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.

BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. 27. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.